

TESTEMUNHO: A PANDEMIA VIVIDA DO LADO DE CÁ

Testimony: The pandemic as lived here

JASMINE PEREIRA VIEIRA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a12>

RESUMO²

No início, a esperança pelo retorno às atividades normais na cidade ‘pós-pandêmica’ sustentava nossas incertezas. O problema reside em justamente esse momento não ter chegado, ainda. O País não estava preparado para um cenário como esse, e nós sentimos seus reflexos desde o primeiro dia. Sou Jasmine, moro na Cooperativa Habitacional Marianinha de Queiroz em Caxias do Sul-RS, Brasil, uma comunidade periférica na cidade. Este texto trata de um depoimento vindo de dentro, de alguém que mora numa periferia. Se antes da pandemia as viagens já eram pouco recorrentes em nossos calendários de férias, atualmente passam a assumir-se como ainda mais utópicas, mesmo que haja um mundo pós pandêmico que possibilite esses deslocamentos.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade; Periferia; Viagens; Covid-19.

ABSTRACT

In the beginning the hope of returning to normal activities in the ‘post-pandemic’ city sustained our uncertainties. The problem was that the moment had not yet arrived. The country was not prepared for a scenario like this, and we have felt its reflexes since the first day. I am Jasmine and I live in a peripheral community in Caxias do Sul, a city in the south of Brazil. This text brings a testimonial from within, from someone who lives in a peripheral area of the city. If to travel

¹ **JASMINE PEREIRA VIEIRA** - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, Brasil. Bolsista Prosuc/Capes. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5401942521008700> Email: jasmine.pvieira@gmail.com

² **PROCESSO EDITORIAL SEÇÃO ESPECIAL COVID-19** - Recebido 29 JUN 2020; Aceito 30 JUN 2020.

was not very recurrent in our vacation calendars before the pandemic, nowadays to travel is more utopian even if in the future there is a post-pandemic world that makes these trips possible again.

KEY WORDS

City; Periphery; Travels; Covid-19.

PADEMIA E PERIFERIA

Sou Jasmine, moro na Cooperativa Habitacional Marianinha de Queiroz em Caxias do Sul-RS, Brasil, uma comunidade periférica na cidade. Desde que o Brasil decretou o País como em situação de pandemia, resolvi dar suporte à comunidade juntamente com minha mãe, Presidenta do bairro.

No início, a esperança pelo retorno às atividades normais na cidade ‘pós-pandêmica’ sustentava nossas incertezas. O problema reside em justamente esse momento não ter chegado ainda. Com minha pesquisa para dissertação de mestradoⁱ, descobri que muitos vizinhos são trabalhadores informais, uma das classes mais duramente atingidas pela instabilidade que acompanha a pandemia. O país não estava preparado para um cenário como esse, e nós sentimos seus reflexos desde o primeiro dia.

Enquanto as recomendações pelo uso de máscaras eram ainda facultativas, nos empenhamos em produzir elas para distribuir gratuitamente aos moradores. No entanto, nesse momento nossa família também não tem condições financeiras de promover a assistência que gostaríamos. Mas dentro de nossas possibilidades, prezamos pelo bem-estar social, mesmo que nos custe. Recebemos o apoio de pessoas amigas para produzir, conseguimos atingir as famílias mais vulneráveis. As visitas para entrega dessas máscaras revelaram-nos os primeiros sintomas do agravamento da pobreza na comunidade. Se antes já éramos desprovidos do direito de manifestar determinadas liberdades individuais, agora contamos com a boa vontade uns dos outros para suprir nossas necessidades básicas. Diversas famílias, sem trabalho e com auxílio emergencial negado vivem o assombro da falta de alimento. Como viabilizar os cuidados essenciais de prevenção contra o COVID-19 se lhes falta aquilo que é essencial para manutenção da vida?

Dentre os maiores desafios que testemunho se desenvolverem aqui, o mais recorrente deles é o de educar as crianças dentro de casa. Tudo às avessas, inclusive a falta de possibilidade de desenvolver atividades escolares no lar. Jovens continuam a procurar emprego para complementar a renda da casa, trabalhadores informais perderam mais de metade de sua renda mensal pela falta de demanda por seus serviços. A educação financeira nunca foi tão importante em nossas vidas como o é agora: seiscentos reais precisam garantir a manutenção do estômago e do lar – limpeza, água e luz – de em média três a cinco pessoas mensalmente.

O paradoxo do privilégio é que nenhum de nós está no topo da estrutura econômica e social que determina nossos movimentos. Os abismos que nos separam da plena realização de nossas expectativas com relação à cidade nos isolaram aqui, de novo. Se a comunidade se iniciou justamente pela ocupação ilegal de um terreno público, agora, seguimos ocupando lugares de informalidade na cidade. A pandemia comprometeu a circulação de transporte público, mas não impediu que muitos capitalistas prezassem pelo funcionamento de seus negócios, mesmo que alguns de nós tenhamos que sair quase duas horas antes de casa para não perder o horário do ponto na empresa.

As medidas contraditórias tomadas pelo país comprometem integralmente nossas vidas. E nós, aos olhos do mundo, parecemos despreocupados com esse cenário. Mesmo com limitações diversas, garantimos a economia na cidade, e dependemos da boa vontade da municipalidade para nos prover aquilo que nos é de direito. O empenho coletivo para prover o essencial aos moradores coloca-nos expostos aos riscos de que nos alerta a pandemia. Mas é complicado abrir mão da possibilidade de estabelecer pontes entre os agentes sociais e as famílias mais vulneráveis numa situação de calamidade como a que nos encontramos.

O medo de que o vírus chegue até nossas casas é inerente aos nossos movimentos pela cidade. O exercício desse olhar demonstra as contradições sistemáticas por aqui. A vergonha de expor a situação vulnerável em que nos encontramos, a solidariedade de repartir o excedente com o vizinho da frente, a doação de roupas, a troca de serviços e o desapego daquilo que é extraordinário para que garantamos o essencial aos nossos iguais.

Nesse sentido, as viagens encontram-se reiteradamente fora desse contexto, não só devido à impossibilidade de se movimentar no espaço em razão das recomendações de isolamento social, mas também pelo agravamento das condições objetivas das famílias. Se antes da pandemia já

Vieira, J. P. (2020). Relato: A pandemia vivida do lado de cá. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12 (3 – Especial Covid-19), 1-4, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a11>

eram pouco recorrentes em nossos calendários de férias, atualmente passam a assumir-se ainda mais utópicas, mesmo que haja um mundo pós pandêmico que possibilite esses deslocamentos. Por outro lado há que se considerar que a hospitalidade alcança sua máxima manifestação, enquanto acolhida sincera e incondicional uns dos outros na superação das desavenças pela lógica da ajuda.

NOTA

ⁱ Vieira, J.P. (2020). *Refletindo sobre a Exclusão: Turismo e Cidade a partir das Falas de uma Comunidade Periférica de Caxias do Sul-RS (Brasil)*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Brasil. Defesa prevista o mês de julho de 2020.